

Circus aeruginosus
Águia-sapeira; Tartaranhão-ruivo-dos-pauis

Taxonomia

Família: *Accipitridae*.

Espécie: *Circus aeruginosus* (Linnaeus 1758).

Código da Espécie : A081

Estatuto de Conservação:

Global (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).

Nacional (Cabral *et al.* 2005): VU (Vulnerável).

Espanha (Madroño *et al.* 2004): LC (Pouco preocupante).

SPEC (BirdLife International 2004): Não SPEC (Espécie com estatuto de conservação favorável, não concentrada na Europa).

Protecção legal:

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei nº 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II
- Decreto-Lei nº 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro) ó Anexo II-A

Fenologia: Residente e também uma população invernante.

Existe em Portugal uma população Residente e ocorre um influxo significativo de aves que aqui vem passar o inverno.

Distribuição:

Global: Encontra-se em latitudes médias do Paleártico Ocidental, essencialmente em climas temperados e Mediterrânicos estendendo-se para zonas boreais, de estepe e sub-tropicais (Cramp & Simmons 1980).

A sua área de distribuição na Europa compreende a Albânia, Andorra, Bielorrússia, Bulgária, Croácia, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, França, Grécia, Hungria, Itália, Letónia, Lituânia, Moldávia, Polónia, Portugal, Roménia, Rússia, Turquia e Ucrânia, onde se estima uma população global de 52000 a 88000 casais (BirdLife International/European Bird Census Council 2000). As populações da Europa Setentrional e Central são sobretudo migradoras, invernando desde a bacia mediterrânica e Médio Oriente até à África sub-sariana, enquanto as populações meridionais são essencialmente dispersivas (Cramp & Simmons 1980).

Nacional: Em Portugal continental, a população reprodutora de Águia-sapeira distribui-se ao longo da faixa costeira ocidental, limitada às principais zonas húmidas, das quais se destacam o estuários do Tejo e Sado, a ria de Aveiro e o baixo Mondego (Rosa *et al.* 2001). A população invernante distribui-se principalmente pelos mesmos núcleos, embora apresente uma distribuição mais alargada, estando presente em diversas zonas húmidas onde não ocorre durante o período reprodutor (Rosa *et al.* 1998).

Tendência Populacional:

A espécie apresentou uma tendência populacional positiva. Foram efectuados dois censos da população nidificante (1990-1994 e 1998), em que o esforço de prospecção se pode considerar comparável, tendo-se observado um incremento de cerca de 40% (Fernandes *et al.* 1996, Rosa *et al.* 1998). Este incremento deveu-se principalmente a um aumento de efectivo nos três núcleos principais para a espécie, nomeadamente os estuários do Tejo e Sado e a ria de Aveiro, e não a um aumento significativo da área de distribuição. Quanto à população invernante a tendência é idêntica, tendo sido observado um incremento muito significativo entre os dois censos realizados (1990-1994 e 1998-99, respectivamente) (Fernandes *et al.* 1996, Rosa *et al.* 2001).

Abundância:

A população residente no país foi estimada em 38 a 49 casais em 1990-1994 (Fernandes *et al.* 1995) e em 1998 a estimativa foi de 64 a 69 casais (Rosa *et al.* 2001). O aumento populacional deveu-se principalmente ao incremento de efectivo nos principais núcleos populacionais, os estuários do Tejo e Sado e a ria de Aveiro. Houve ainda um incremento pouco relevante que se deveu à colonização de locais onde a espécie não nidificava pelo menos há 10 anos (Rosa *et al.* 2001). A população invernante foi estimada em 135 indivíduos em Janeiro durante o censo de 1990-94 (Fernandes *et al.* 1996) e em 347 indivíduos no mesmo período do ano de 1999 (Rosa *et al.* 2001).

Requisitos ecológicos:

Habitat: Nidifica em zonas húmidas de águas doces ou salobras como pauis, sapais, pântanos, margens de lagos e rios e canais com fraco caudal, desde que possuam vegetação aquática emergente abundante, principalmente *Phragmites*, *Typha* e *Scirpus*, (Del Hoyo *et al.* 1994). Em Portugal, as manchas de caniçal são o habitat preferencial de nidificação, uma vez que aí foram edificados cerca de 90% dos ninhos detectados durante o último censo (Rosa *et al.* 2001). As manchas de caniçal onde a espécie nidifica no nosso país são relativamente extensas (>11 ha), pelo menos quando comparadas com as utilizadas em algumas regiões de Espanha, que podem ter uma dimensão inferior a 1 ha (Rosa *et al.* 2001).

Procura alimento em águas pouco profundas, doces ou salobras, com vegetação aquática emergente densa, principalmente *Phragmites*, *Typha* e *Scirpus*, em sapais, pauis e pântanos (Del Hoyo *et al.* 1994). Também frequenta habitats correspondentes, em margens de lagos e rios com fraco caudal, ou resultantes de inundações. Normalmente necessita de áreas contínuas de vegetação aquática, onde existe alimento em abundância. Caça ainda frequentemente em campos agrícolas (arrozais, campos de cereais de sequeiro, pousios, prados) nas imediações das zonas húmidas.

Como outras espécies do mesmo género, passa a noite no solo ou sobre vegetação palustre. Na época de nidificação, dorme no ninho, ou perto deste (especialmente a fêmea) ou numa plataforma sobre a vegetação (macho) (Cramp & Simmons, 1980). Esta plataforma também é utilizada pelo macho como local de alimentação. Fora da época de nidificação, dormem comunalmente, em dormitórios que podem atingir várias centenas de indivíduos (Del Hoyo *et al.* 1994); Estes dormitórios localizam-se normalmente em caniçais ou sapais, em zonas com vegetação abundante. Em Portugal os dormitórios de inverno localizam-se maioritariamente em caniçais de extensão considerável (>11 ha) que podem ser ocupados durante semanas consecutivas (Rosa *et al.* 1998).

Alimentação: Espécie generalista, que se alimenta de um vasto leque de presas, dependendo da disponibilidade local. Alimenta-se principalmente de animais de pequeno e médio porte, nomeadamente aves (principalmente aquáticas, incluindo adultos e ovos), mamíferos (roedores) e, em menor proporção insectos, sapos, cobras e peixes (Del Hoyo *et al.* 1994). Não desdenha cadáveres e animais doentes e feridos.

fauna, *aves*

Reprodução: Espécie solitária ou semi-colonial, maioritariamente monogâmica, embora não sejam raros os casos de poliginia (Rosa *et al.* 2001). Os ninhos são construídos geralmente sobre vegetação palustre (e.g. caniço, tabua, bunho) e encontram-se normalmente isolados, no entanto podem encontrar-se até 10 pares na mesma zona húmida. As posturas, efectuadas geralmente em Março e Abril, são normalmente constituídas por 3 a 6 ovos, que são incubados 31 a 38 dias (Del Hoyo *et al.* 1994). Ambos os progenitores cuidam das crias, que abandonam o ninho com 35 a 40 dias de idade (Cramp & Simmons 1980, Del Hoyo *et al.* 1994). As crias permanecem com os adultos por 2 ou 3 semanas após a saída do ninho (Del Hoyo *et al.* 1994)

Ameaças:

A perda de habitat. Durante o final do século XIX e o século XX, um grande número de zonas húmidas foram drenadas e convertidas em campos de cultivo e, mais recentemente, para construção de infra-estruturas de turismo e áreas urbanas, facto que se verifica ainda nos dias de hoje. Actualmente esta ameaça está presente em algumas zonas sem estatuto de protecção. O corte desregrado do caniço e outra vegetação palustre podem contribuir para a redução do habitat de nidificação disponível. A manutenção e correcta gestão da vegetação palustre é essencial.

As alterações do habitat. A perda ou alteração da composição da vegetação palustre emergente devido a sobre-exploração ou gestão desregrada dos recursos hídricos e da vegetação e a poluição agrícola, urbana e industrial, são fortes causadores de degradação do habitat desta espécie. Por outro lado, a sucessão ecológica é também responsável pela degradação da qualidade do habitat ou mesmo o desaparecimento de algumas zonas húmidas, sendo por isso necessárias intervenções no sentido de inverter este processo. O desenvolvimento turístico e a perturbação em volta das zonas húmidas também constituem factores de degradação do habitat. A escassa informação existente sobre os parâmetros reprodutores da espécie em Portugal, embora meramente indicativa, aponta para uma produtividade muito baixa, quando comparada com outros países da Europa (Rosa *et al.* 2001). As causas podem estar relacionadas com fraca disponibilidade alimentar, que por sua vez pode dever-se a uma degradação da qualidade do habitat.

O abate ilegal é provavelmente uma causa importante de mortalidade para esta espécie. A Águia-sapeira é vulnerável ao abate com armas de fogo, principalmente nas áreas onde procura alimento (e.g. arrozais, campos e cultivo), devido ao seu modo de caça (voo lento e a baixa altitude) e à forte pressão cinegética a que muitas dessas áreas estão sujeitas.

A perturbação provocada pelas actividades humanas pode ter um impacto negativo no sucesso reprodutivo ou na sobrevivência dos indivíduos, ou mesmo na sua permanência em áreas de pequenas dimensões. A perturbação humana pode ser o factor determinante para o insucesso reprodutor (Cramp & Simmons 1980). Durante o inverno a perturbação causada pela actividade cinegética, por exemplo, durante a caça aos anatídeos, pode ser determinante para a não utilização de um determinado dormitório e obrigar as aves a procurar locais menos favoráveis.

O saturnismo. Embora não estejam documentados casos comprovados de saturnismo em Portugal, foram detectados em Espanha vários casos de indivíduos envenenados com chumbo, provavelmente por ingestão de presas contaminadas (J.A. Gómez com. pess.). O impacto real desta ameaça é desconhecido no nosso país, mas é provável que seja significativo, uma vez que tende a capturar animais que se encontram feridos ou doentes, nomeadamente aves aquáticas afectadas por saturnismo. Em Portugal, apesar da imensa literatura publicada acerca dos efeitos nefastos deste fenómeno, de recomendações de especialistas nacionais que investigaram o problema em áreas do nosso país (Rodrigues 1998, Rodrigues *et al.* 2001) e de um número

considerável de países já terem proibido a sua utilização, ainda se continua a caçar com chumbo nas zonas húmidas. Apesar de em muitas áreas protegidas a actividade cinegética estar interdita, é provável que o risco de contaminação ainda seja elevado uma vez que a permanência do chumbo nos sedimentos pode ser extremamente longa.

A poluição e aumento da utilização de agro-químicos. Embora se desconheçam os efeitos directos da poluição, quer seja agrícola, industrial ou doméstica, há indícios bastante fiáveis de que tenha consequências negativas na espécie e no seu habitat em vários locais do país. Em diversas zonas húmidas nacionais foram observados fenómenos massivos de intoxicações agudas de ralídeos e anatídeos causadas directa ou indirectamente pela poluição (Ministro & Fernandes 2002, J. Ministro, J. Pereira e P. Gaspar, com. pess.), animais estes que são posteriormente consumidos pelas Águias-sapeiras, pelo que é muito provável esta espécie seja também afectada, quer a nível da sobrevivência de indivíduos quer da redução da capacidade reprodutiva. Supõe-se também que a poluição e o aumento do uso de agro-químicos contribua para a diminuição das populações presa.

Objectivos de Conservação:

Assegurar a manutenção do efectivo populacional de Águia-sapeira.
Conservar as áreas de reprodução, alimentação e dormida.

Orientações de Gestão:

- Assegurar protecção legal aos sítios com habitat favorável para a Águia-sapeira.
- Interditar o uso do chumbo na actividade cinegética em zonas húmidas.
- Promover a manutenção e incremento do habitat apropriado para a espécie, nomeadamente os maciços de plantas palustres;
- Recuperar as manchas de caniçal mais degradadas ou desaparecidas por forma a incrementar o número e a área de locais propícios à nidificação da Águia-sapeira.
- Condicionar as operações de drenagem em importantes zonas de nidificação da espécie.
- Regular o uso de pesticidas e adoptar técnicas de pestes alternativas, como por exemplo utilizar substâncias mais facilmente degradáveis, cujo impacto ambiental não seja tão nefasto.
- Promover e valorizar a exploração sustentada e os usos tradicionais da vegetação palustre (e.g. bunho) e a exploração económica do património natural associado à espécie.
- Reduzir a perturbação por actividades humanas nos locais mais sensíveis. Regulamentar a actividade turística dentro das ZPEs.
- Promover restrições e fiscalização à actividade cinegética nos locais mais importantes para a espécie.
- Promover estudos sobre aspectos da biologia da Águia-sapeira, nomeadamente biologia reprodutiva, movimentos, requisitos de habitat e mecanismos para a sua gestão e disponibilidade trófica.
- Implementar um progama de censo e monitorização da população nacional.
- Investigar o efeito do saturnismo, da poluição e dos agro-químicos sobre a espécie e restantes elementos da sua cadeia alimentar.
- Desenvolver e implementar programas educacionais de modo a aumentar o conhecimento do público sobre a espécie e a necessidade de se preservar o seu habitat.

Bibliografia:

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Paleártico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa.

Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1980). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Hawks to Bustards)*, Vol. II. Oxford University Press, Oxford.

Del Hoyo J, Elliott A & Sargatal J (eds.) (1994). *Handbook of the Birds of the World (New World Vultures to Guinea-fowl)*, Vol. 2. Lynx Edicions, Barcelona.

Fernandes C, Leitão D & Costa H (1996). Situação da Águia-sapeira em Portugal. *Alytes* 7: 93-100.

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

Ministro JS e Fernandes J (2002). Breeding birds in the Salgados lagoon (Algarve, Portugal): conservation values and management actions. *Airo* 12: 17-24.

Rosa G, Leitão D, Mendes C, Courinha F, Fernandes C, Costa H, Pacheco C e Pereira J (1998). Situação da Águia-sapeira *Circus aeruginosus* em Portugal: recenseamento da população nidificante (1998). Actas da V Reunião Ibérica sobre Tartaranhões. 16-18 de Outubro de 1998, Évora. Não publicado.

Rosa G, Leitão D, Mendes C, Courinha F, Costa H, Pacheco C e Pereira J (2001). Situação da Águia-sapeira (*Circus aeruginosus*) em Portugal: recenseamento da população invernante (1998-99). *Airo* 11: 23-27.

Rodrigues DJC (1998). Dieta estival e risco de saturnismo do Pato-real (*Anas platyrhynchos*) nos arrozais da Quinta do Canal. *Airo* 9: 33-40.

Rodrigues DJC, Figueiredo MEMA e Fabião AMD (2001). Mallard lead poisoning risk in central Portugal. *Wildfowl* 52: 171-176.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .